



CAM ões

DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões



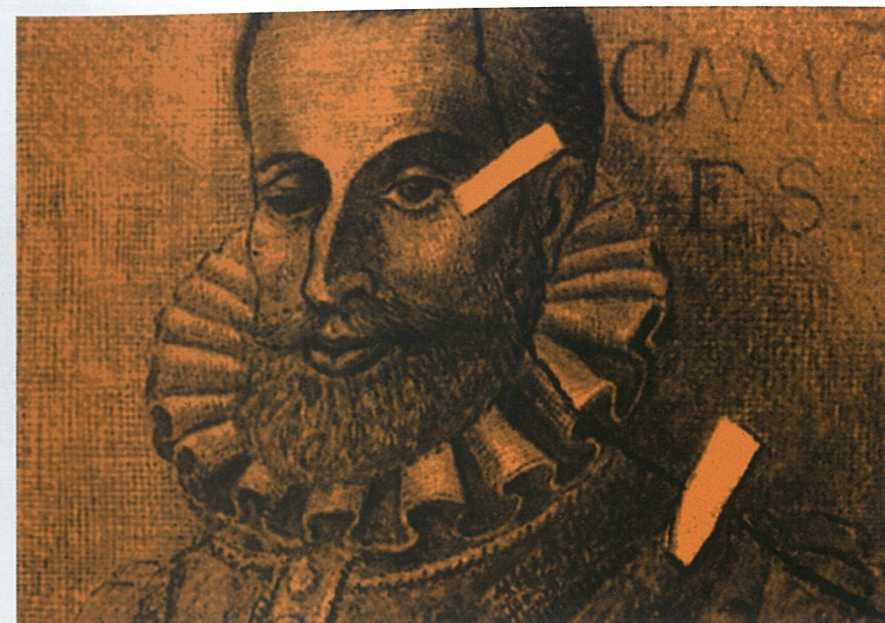
VÍTOR
AGUIAR E SILVA

CAMINHO

 www.leya.com	 www.caminho.leya.com	ISBN 978-972-21-2146-0
		 9 789722 112146
DICIONÁRIOS		

DICIONÁRIO

DE



LUÍS de
CAM ões

COORDENAÇÃO
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões



DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões

COORDENAÇÃO
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

Título: DICIONÁRIO DE LUÍS DE CAMÕES
Coordenação: VÍTOR AGUIAR E SILVA
© Editorial Caminho, 2011
Coordenação editorial: Laura Mateus Fonseca
Revisão: Fernanda Fonseca, Laura Mateus Fonseca e Nuno Carvalho

Capa: design – Rui Rosa/Croquidesign
Ilustração da capa: *Retrato de Camões*, de Fernão Gomes (c. 1573)
Seleção iconográfica: Vítor Serrão
Paginação: Manuela Pinto
Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: CEM

1.ª edição
Tiragem: 2000 exemplares
Data de impressão: setembro de 2011
Depósito legal n.º 316 808/10
ISBN: 978-972-21-2146-0

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

Apresentação

Conceber, planificar e dar corpo a um *Dicionário de Camões* é um empreendimento complexo e temível, tal é a grandeza da obra do Poeta e de tal modo os estudos camonianos — ou a camonologia ou a camonística — têm acumulado e reelaborado, desde há mais de quatro séculos, notícias históricas e biográficas, indagações filológicas e histórico-literárias, análises e debates de natureza poetológica, juízos críticos, propostas hermenêuticas e reflexões filosóficas, políticas, teológicas, etc., sobre o Escritor que, logo a partir do último quartel do século XVI, se converteu na figura estelar do cânone da literatura portuguesa e cuja poesia, tanto a épica como a lírica, alcançou irradiação universal sobretudo desde o Romantismo e continua a fecundar outros poetas, a originar novas leituras e interpretações, a ser objeto de novas investigações filológicas e de novas reflexões ensaísticas. Por outras palavras, Camões é um clássico que tem sido moderno ao longo dos séculos, desde o Maneirismo e o Barroco até à nossa contemporaneidade, porque inúmeros leitores, em todas as épocas, têm lido admirativamente a sua obra e porque gerações sucessivas de escritores têm dialogado com a sua poesia, reescrevendo-a, refratando-a, reinterpretando-a, desvelando nela os seus próprios sonhos e desejos, os seus próprios espectros e demónios, as suas mágoas e melancolias. Como aforismaticamente escreveu Azorín: «en tanto en quanto los clásicos son capaces de reflejar nuestra sensibilidad moderna, son clásicos».

O domínio fundamental que o Dicionário contempla é naturalmente a obra de Camões, nos seus diversos modos, géneros e subgéneros literários, nas suas formas, nos seus significados e nas suas articulações filosóficas e ideológicas. Não se descurou a biografia do Poeta, sobre a qual têm sido urdidadas tantas conjeturas, mas o lugar central do Dicionário está ocupado pelas análises de vária índole do *corpus* textual camoniano, objetivo que pressupõe a clarificação, na medida do possível, do labiríntico problema dos textos autênticos e dos textos apócrifos da lírica de Camões. As questões

filológicas suscitadas pela tradição manuscrita e pela tradição impressa da obra camoniana, sobretudo no que diz respeito à lírica, mereceram também por isso especial atenção. Aquelas análises, sem prejuízo dos seus vectores linguísticos, estilísticos, poéticos, temáticos, mitocríticos, antropológicos, etc., assentam numa perspectiva histórico-literária *lato sensu* e inscrevem-se muitas vezes num horizonte comparatista, segundo as diversas iluminações heurísticas que o comparatismo pode proporcionar — e.g., Camões e Virgílio, Camões e Petrarca, Camões e Ariosto, etc., ou, no domínio das relações interartes, as articulações entre a poesia e a música, a poesia e a pintura, a poesia e as artes plásticas, em geral.

Como contributos para a construção, sempre precária e lábil, do contexto da obra camoniana, figuram no Dicionário extensos verbetes sobre os grandes movimentos da cultura, das ideias e das artes que modelaram o tempo histórico de Camões: Humanismo, Renascimento, Petrarquismo, Neoplatonismo e Maneirismo. Estes conceitos histórico-culturais, filosóficos e estético-literários representam elementos fundamentais da configuração e da dinâmica do campo literário contemporâneo do Poeta.

A fim de proporcionar ao leitor uma representação mais minudente desse campo literário, foram incluídos no Dicionário artigos sobre escritores coevos de Camões, com alguns dos quais o Poeta manteve comprovadamente relações literárias e pessoais. O seu círculo de amizades e de eventuais inimizades literárias continua a ser, aliás, matéria mal conhecida e controversa, mas é um facto bem significativo que a edição *princeps* d'*Os Lusíadas* tenha vindo à luz despida de quaisquer paratextos de louvor e celebração, como era usual naquela época. A configuração do campo da literatura portuguesa no tempo de Camões seria precária, se não se tivesse em conta a sua inserção numa alargada comunidade interliterária ibérica e, mais latamente ainda, numa comunidade interliterária ibérica com uma influentíssima componente itálica. Daí a existência de artigos dedicados a autores espanhóis e italianos que contribuíram poderosamente para a configuração daquele campo.

O estudo da recepção de Camões, na história da literatura portuguesa e nas principais literaturas estrangeiras, constituiu um dos grandes objetivos do Dicionário. No âmbito da literatura portuguesa, diversos verbetes analisam a recepção da obra de Camões no Barroco, no Neoclassicismo, no Romantismo, no último quartel do século XIX, no Neorromantismo e no(s) Modernismo(s). Os artigos sobre Camões e o cânone literário português, sobre a polémica contra José Agostinho de Macedo e sobre Camões e Fernando Pessoa correlacionam-se estreitamente com aqueles verbetes. Os artigos sobre a recepção de Camões nas principais literaturas estrangeiras proporcionam um estudo pormenorizado da irradiação universal da poesia camoniana, desde as traduções aos comentários, às análises e aos juízos que lhe têm sido dedicados.

A origem e o desenvolvimento plurissecular da camonologia estão contemplados em artigos autónomos consagrados a numerosos camonistas, desde Pedro de Mariz, Manuel Correia, Severim de Faria e Faria e Sousa até Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves, Costa Pimpão, Emmanuel Pereira Filho e Jorge de Sena. Ao longo dos tempos foram os camonistas que, como biógrafos, comentadores, editores, filólogos, historiadores literários e hermeneutas, contribuíram decisivamente para que a obra de Camões fosse difundida, estudada e admirada. Um dos critérios adotados na escolha dos camonistas aos quais foi consagrado um verbete autónomo foi o da não inclusão de camonistas vivos — e existem felizmente muitos insignes camonistas vivos.

Quando o Dicionário estava já praticamente encerrado, ocorreram dois infaustos acontecimentos que enlutaram a comunidade dos camonistas. No dia 8 de outubro de 2010, faleceu o Doutor Aníbal Pinto de Castro (n. 1938), Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que durante muitos anos regeu com mestria a cadeira de Estudos Camonianos na sua Faculdade e que legou à camonologia um rico e sólido património de investigações coligidas na obra *Páginas de Um Honesto Estudo Camoniano* (Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007). A doença que lhe ensombrou os últimos anos de vida impediu que redigisse para este Dicionário diversos artigos que generosamente tinha aceitado escrever. No dia 30 de janeiro de 2011, faleceu no Rio de Janeiro o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho (n.1927), Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que desde os anos finais da década de sessenta do século XX se consagrou de modo absorvente ao estudo da lírica de Camões, em particular aos problemas do seu cânone, num extraordinário labor corporizado em numerosos estudos e sobretudo nos volumes da edição da *Lírica de Camões*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e ainda não concluída — contribuição inestimável para o conhecimento do texto da lírica do Poeta. Felizmente, o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho ainda pôde enriquecer e honrar este Dicionário com a sua colaboração.

Como responsável pela coordenação do *Dicionário de Luís de Camões*, cabe-me a conceção e a planificação da obra. Como sempre acontece, entre o modelo ideal projetado e a sua realização prática medeia uma inevitável distância. Tenho consciência de algumas limitações e de algumas lacunas do Dicionário, sobretudo em áreas como a historiografia, a geografia, a astronomia e a medicina, relevantes em especial na leitura d'*Os Lusíadas*. Embora o princípio orientador que regeu a conceção e a planificação do Dicionário tenha sido o da primazia concedida ao estudo da obra poética de Camões, não se optou de modo nenhum por uma orientação formalista *stricto sensu*. Em empreendimentos desta natureza, porém, é por vezes difícil encontrar colaboradores

especializados e com disponibilidade de tempo. Numa eventual segunda edição do Dicionário, poderão ser sanadas algumas daquelas limitações e lacunas.

Procurei assegurar a colaboração de camonistas, tanto nacionais como estrangeiros, de várias gerações, com diversas orientações metodológicas, com entendimentos diferentes da obra de Camões, guiando-me tão-só pelo reconhecimento da sua competência e procurando, na medida do possível, adequar os verbetes solicitados à especialização de cada um. Apenas em dois casos, se a memória não me traiçoa, os colaboradores convidados não puderam aceder à minha solicitação, por motivos de saúde e por outros compromissos inadiáveis de trabalho académico. Impressionou-me muito o modo como praticamente todos, com as duas exceções referidas, aceitaram com entusiasmo colaborar neste projeto. Se necessário fosse, esta é mais uma prova de como Camões está vivo e fala à inteligência e à sensibilidade dos nossos contemporâneos.

Respeitei naturalmente a inteira liberdade de cada colaborador na conceção e na escrita dos seus artigos. Camões e a sua obra foram sempre objeto de análises e interpretações diversas, divergentes e muitas vezes contrapostas e é esta pluralidade de vozes filológicas, poetológicas, críticas e hermenêuticas que constitui um dos fascínios maiores dos estudos camonianos. Não se trata de anular o conceito de verdade, nem sequer de o relativizar radicalmente, mas tão-só de reconhecer que a complexidade formal e semântica da poesia de Camões convoca legitimamente diversas propostas de compreensão, explicação e valoração, exigindo dos camonistas um rigor acrescido na fundamentação, na argumentação e na explanação das suas análises filológicas, histórico-literárias, críticas e hermenêuticas. Não é estranhável, por isso, que entre as ideias, as interpretações e os juízos expressos nalguns verbetes de diferentes autores se encontrem hipóteses, teses, propostas e perspetivas não coincidentes e porventura até discrepantes.

Vou mencionar um exemplo concreto relativamente simples. Nalguns artigos, encontrará o leitor a expressão «*concílio* dos deuses» — deuses olímpicos e deuses marinhos — e noutros encontrará a forma «*consílio* dos deuses». A palavra *consílio* ocorre uma única vez n'Os Lusíadas (I.20.3) — «Quando os Deuses no Olimpo luminoso, / onde o governo está da humana gente, / se ajuntam em *consílio* glorioso» —, aparecendo assim grafada em todos os exemplares da edição de 1572. A forma *concílio* não ocorre no poema. Em latim, a palavra *consilium*, derivada do verbo *consulere*, significa conselho, assembleia de consulta, aconselhamento e deliberação. A palavra *concilium*, relacionada com o verbo *calare*, significa reunião, ajuntamento, assembleia, nos quais se toma uma deliberação, sendo usada sobretudo no domínio eclesial. Como se conclui, o conteúdo semântico dos dois vocábulos é muito semelhante, sendo de relevar apenas como fator distintivo o uso prevalente de *concílio* na linguagem da

Igreja Católica. Por isso, alguns editores d'Os Lusíadas — Faria e Sousa, Barreto Feio, Cláudio Basto e Hernâni Cidade, por exemplo — adotam a palavra *concílio*, ao passo que outros editores — e.g., Epifânio Dias, José Maria Rodrigues, Costa Pimpão, António José Saraiva, Emanuel Paulo Ramos e Sílvio Elia — utilizam o vocábulo *consílio*. Tendo em consideração que esta é uma forma registada em todos os exemplares conhecidos da edição *princeps* d'Os Lusíadas e que não existem razões de ordem semântica que contrariem tal uso, também eu defendo a utilização da forma *consílio* (a qual, como anota José Maria Rodrigues, figura no prólogo da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, coevo de Camões, no sintagma «o grave consílio dos Deuses»). Não me esqueço, todavia, de que eminentes classicistas e camonistas como Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira utilizam nos seus estudos a forma *concílio*.

Agradeço aos colaboradores a confiança que lhes mereceu este projeto e o modo generoso como nele participaram. O seu saber e o seu labor é que permitiram tornar realidade o *Dicionário de Luís de Camões*.

Devo um agradecimento especial a José Manuel Mendes, porque foi ele, alguns anos atrás, a voz persuasiva que me lançou o desafio desta tarefa camoniana agora concluída.

Agradeço a Zeferino Coelho e a Laura Mateus Fonseca o empenhamento, o desvelo e a competência com que acompanharam o desenvolvimento e a concretização deste projeto editorial.

E por último — só na sucessão dos parágrafos... —, agradeço à minha Mulher o devotado apoio que me prestou na realização deste sonho.

Braga, 31 de março de 2011
Vitor Aguiar e Silva

Colaboradores

- Abel N. Pena — Universidade de Lisboa
Apolo (Mito de); Musas (Mito das)
- Aires A. Nascimento — Universidade de Lisboa
Humanismo
- Albano Figueiredo — Universidade de Coimbra
Cancioneiro Geral de Garcia de Resende; Poesia peninsular do século xv e Camões (A)
- Amadeu Torres — Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho
Traduções latinas d'*Os Lusíadas*
- Ana Filipa Gomes Ferreira — Universidade de Lisboa
Bernardes, Diogo
- Ana María García Martín — Universidade de Salamanca
Bilinguismo literário luso-castelhano no tempo de Camões; Uso do castelhano na obra de Camões (O)
- Ana María S. Tarrío — Universidade de Lisboa
Meneses, João Rodrigues de Sá de
- Ángel Marcos de Dios — Universidade de Salamanca
Boscán, Juan; Garcilaso de la Vega; Montemayor, Jorge de
- Anne Gallut-Frizeau — Universidade de Toulouse Le Mirail
Morgado de Mateus e a edição d'*Os Lusíadas* (O)
- Anne-Marie Quint — Universidade de Paris III
Pinto, Frei Heitor; Receção de Camões na Literatura Francesa
- António Apolinário Lourenço — Universidade de Coimbra
Camões e Fernando Pessoa
- Artur Anselmo — Universidade Nova de Lisboa
Censura inquisitorial na época de Camões (A); Coelho, Manuel; Craesbeeck, Pedro; Fernandes, Domingos; Ferreira, Frei Bartolomeu; Gonçalves, António; Lira, Manuel de; Lopes, Estêvão; Tarrique, Frei António; Tipografia portuguesa no tempo de Camões (A)
- Carlos Ascenso André — Universidade de Coimbra
Degredo (Tema do... na poesia de Camões); *Eneida e Os Lusíadas* (A); Metamorfose (Tema da... na obra de Camões); Ovídio e Camões; Poesia e pintura na poesia de Camões
- Carlos Cunha — Universidade do Minho
Braga, Teófilo (camonista); Comemoração do Tricentenário da Morte de Camões — 1880
- Dinah Moraes Nunes Rodrigues — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio
Cancioneiro de Luís Franco Correa; Gândavo, Pero de Magalhães de; *Rimas* de Camões (*Cancioneiro ISM* e comentários)
- Elias Torres Feijó — Universidade de Santiago de Compostela
Receção de Camões na Galiza

- Fernando Azevedo — Universidade do Minho
Camões e a Literatura Infantojuvenil
- Fernando Paulo Baptista — Centro de Estudos Aquilinos
Ribeiro, Aquilino (camonista)
- Fernando Pinto do Amaral — Universidade de Lisboa
Melancolia
- Frederico Lourenço — Universidade de Coimbra
Amor; Gonçalves, Francisco da Luz Rebelo (camonista); Homero
- Gilberto Mendonça Teles — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC Rio
Receção de Camões na Literatura Brasileira
- Helena Langrouva — Investigadora doutorada pela Universidade Nova de Lisboa
Camões e as Artes; Camões e a Música; Marte (Mito de); Neptuno (Mito de); Orfeu (Mito de); Viagem
n'Os Lusíadas, nas *Rimas* e nas *Cartas* de Camões
- Hélio J. S. Alves — Universidade de Évora
Corte-Real, Jerónimo; Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Maria da Conceição F. Pires);
Épica na Literatura Portuguesa do século XVI (A); Epopeia e o poema cavaleiresco no Renascimento (A);
Eveimerismo n'Os Lusíadas; Faria e Sousa, Manuel de; Máquina do Mundo n'Os Lusíadas (A);
Maravilhoso n'Os Lusíadas (O)
- Irina Khoklova — Universidade de S. Petersburgo
Receção de Camões na Literatura Russa
- Isabel Almeida — Universidade de Lisboa
Cartas de Camões; Cidade, Hernâni (camonista); Correia, Manuel; Maneirismo; Maneirismo em Camões;
Mariz, Pedro de; Morais, Francisco de; Rodrigues, José Maria (camonista)
- Ivo Castro — Universidade de Lisboa
Língua de Camões
- João de Almeida Flor — Universidade de Lisboa
Receção de Camões na Literatura Inglesa
- José Augusto Cardoso Bernardes — Universidade de Coimbra
Adamastor (Episódio do); *Auto dos Anfitriões*; *Auto d'El Rei Seleuco*; *Auto de Filodemo*; Medida Velha;
Pinto, Fernão Mendes; Renascimento; Teatro
- José Cândido de Oliveira Martins — Universidade Católica Portuguesa
Amora, António Soares (camonista); Figueiredo, Fidelino de (camonista); *História Trágico-Marítima*
(antiepopéia da decadência do império); Naufrágio de Sepúlveda (Episódio do); Paródias d'Os Lusíadas;
Polémica contra José Agostinho de Macedo
- José Carlos Seabra Pereira — Universidade de Coimbra
Augustinianismo em Camões; Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal; Camões e o Neorromantismo;
Inês de Castro (Episódio de)
- Juan M. Carrasco González — Universidade da Extremadura (Cáceres)
Bernardim Ribeiro e Camões
- Júlia Garraio — Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Michaëlis de Vasconcelos, Carolina; Storck, Wilhelm (camonista)
- Kenneth David Jackson — Universidade de Yale
Edição *Princeps* d'Os Lusíadas (A)

- † Leodegário A. de Azevedo Filho — Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade
Federal do Rio de Janeiro
Métrica em Camões (A)
- Luís de Oliveira e Silva — Universidade Nova de Lisboa
Autor e narrador n'Os Lusíadas; Consílio dos Deuses Marinhos; Consílio dos Deuses Olímpicos; Épica e
Império; Fado e Fortuna d'Os Lusíadas; Gama, Vasco da; *Lusíadas (Os)* e *La Araucana*; Vasco da Gama a
D. Quixote (De)
- Luís de Sá Fardilha — Universidade do Porto
Cancioneiro da Biblioteca do Escorial; *Cancioneiro de Corte e de Magnates*; *Cancioneiro de D. Cecília
de Portugal*; *Cancioneiro de Évora*; *Cancioneiro do Manuscrito 2209* do Arquivo Nacional da Torre do
Tombo; *Cancioneiro da Real Academia de la Historia de Madrid*; Castro do Rio, Martim de; Lencastre,
D. João de (Duque de Aveiro); Luís, Infante D.; Portugal, D. Manuel de
- Mafalda Ferin Cunha — Universidade Aberta
Camões na poesia barroca portuguesa; Quevedo (Castelbranco), Vasco Mousinho
- Manuel Ferro — Universidade de Coimbra
Almeida, Manuel Pires de; Boiardo, Matteo Maria (receção em Portugal); Doze de Inglaterra (Episódio dos)
- Marcia Arruda Franco — Universidade de São Paulo
Afrânio Peixoto, Júlio (camonista); Cãnone literário português e Camões (O); Desconcerto do mundo (Tema
do... na obra de Camões); Ficalho, Conde de, *Flora dos Lusíadas*; Horacianismo em Camões; Labirintos
- Margarida Braga Neves — Universidade de Lisboa
Sena, Jorge de (camonista)
- Maria Augusta Lima Cruz — Universidade do Minho
Camões e Diogo do Couto
- Maria da Conceição F. Pires — Escola Secundária Gabriel Pereira (Évora)
Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Hélio J. S. Alves); Faria, Manuel Severim de
- Maria do Céu Fraga — Universidade dos Açores
Armas e letras; Canção; *Cancioneiro de Cristóvão Borges*; *Cancioneiro de Fernandes Tomás*; *Círculo
Camoniano*; *Collecção Camoneana* de José do Canto; Eclogas; Elegias; Epístolas; Odes; Orta, Garcia de;
Pavão, José de Almeida (camonista); Sextina
- Maria Helena Ribeiro da Cunha — Universidade de São Paulo
Neoplatonismo de Camões; *Revista Camoniana*
- Maria Helena da Rocha Pereira — Universidade de Coimbra
Tradição clássica na obra de Camões (A)
- Maria Manuela Gouveia Delille — Universidade de Coimbra
Receção de Camões na Literatura Alemã
- Maria do Rosário Lupi Belo — Universidade Aberta
Camões e o Cinema
- Maria Vitalina Leal de Matos — Universidade de Lisboa
Biografia de Luís de Camões; *Lusíadas (Os)*; Sá de Miranda, Francisco de
- Marina Machado Rodrigues — Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Lírica de Camões: modelo de edição crítica da Nova Escola Camoniana Brasileira; Pereira Filho,
Emmanuel (camonista)
- Martim de Albuquerque — Universidade de Lisboa
Conceção do poder político em Camões (A)

- Micaela Ramon — Universidade do Minho
Saraiva, António José (camonista); Sérgio, António (camonista); Sonetos; Sonho de D. Manuel; Tempestade Marítima (Episódio da)
- Ofélia Paiva Monteiro — Universidade de Coimbra
Camões e o Romantismo português
- Paulo de Medeiros — Universidade de Utrecht
Receção de Camões na Literatura Norte-Americana
- Paulo Meneses — Universidade dos Açores
Carvalho, José Gonçalo Herculano de (camonista)
- Pedro Serra — Universidade de Salamanca
Receção de Camões na Literatura Espanhola
- Rita Marnoto — Universidade de Coimbra
Ariosto, Ludovico; Bembo, Pietro; Camões no Neoclassicismo; Castiglione, Baldassare; Hebreu, Leão; Petrarquismo; Petrarquismo em Camões; Retratos femininos na poesia de Camões; Sannazaro, Iacopo
- Roberto Mulinacci — Universidade de Bolonha
Locus amoenus; *Locus horridus*; Oriente, Fernão Álvares do
- Sheila Moura Hue — Universidade Federal do Rio de Janeiro
Castro, Estevão Rodrigues de; *Lusíadas (Os)*, Edição dos «piscos»; Resende, André Falcão de; *Rhythmas* de Luís de Camões (1595); Soropita, Fernão Rodrigues Lobo
- Silvina Pereira — Universidade de Lisboa; Teatro Maizum
Vasconcelos, Jorge Ferreira de
- T. F. Earle — Universidade de Oxford
Ferreira, António e o projeto de criação de um poema épico
- Valeria Tocco — Universidade de Pisa
Lusíadas (Os): tradição manuscrita; Receção de Camões na Literatura Italiana
- Vanda Anastácio — Universidade de Lisboa
Aragão, D. Francisca de; Caminha, Pero de Andrade; D. Maria, Infanta
- Vasco Graça Moura — Escritor
Redondilhas *Sóbolos rios que vão* ou *Sobre os rios que vão*; Retratos de Camões
- Virgínia Soares Pereira — Universidade do Minho
Lusíadas; Luso (Mito de); Resende, André de; Tágides
- Vítor Aguiar e Silva — Universidade do Minho
Actéon (Mito de); Andrada, Miguel Leitão de; Baco (Mito de); Camões e D. Sebastião; *Cancioneiro Hispano-Português* da Hispanic Society of America; *Cancioneiro Juromenha*; *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*; Cânone das *Rimas (O)*; Dias, Augusto Epifânio da Silva (camonista); Forma cancionero e as *Rimas* de Camões (A); Ilha dos Amores (Episódio da); Juromenha, Visconde de (camonista); Pimpão, Álvaro Júlio da Costa (camonista); *Rimas* (ed. 1598); Vénus (Mito de)
- Vítor Serrão — Universidade de Lisboa
Camões e as artes do seu tempo, entre Humanismo e *Bella Maniera*
- Xosé Manuel Dasilva — Universidade de Vigo
Filgueira Valverde, Xosé; Régio, José (camonista)
- Zulmira Santos — Universidade do Porto
Poesia religiosa em Camões (A); Velho do Restelo (Episódio do)



ACTÉON (Mito de). Actéon foi filho de Aristeu e de Autónoe — neto, portanto, de Apolo e de Cadmo — e aprendeu a arte da caça com o centauro Quíron, tendo-se tornado um hábil e apaixonado caçador. O episódio central do mito consiste na metamorfose de Actéon em cervo e na sua subsequente dilaceração mortal por parte dos seus próprios cães. As causas da sua metamorfose e da sua morte são objeto de versões diferentes: segundo alguns autores (por exemplo, Estesícoro), Actéon teria sido punido por Zeus por ter tentado desposar Sémele, amante do senhor do Olimpo; segundo outros autores (Eurípides, Diodoro Sículo), Actéon ter-se-ia jactado de ser mais exímio na arte venatória do que Ártemis; segundo outra tradição, Actéon foi culpado de ter visto desnuda uma das grandes deusas virgens, Ártemis. A mais conhecida e influente versão do mito encontra-se nas *Metamorfoses* de Ovídio (III, 138-252), onde se narra que, após uma jornada venatória, à hora do meio-dia — hora culminante da ardência solar e do desejo erótico —, Actéon entrou num bosque que não conhecia — um espaço com as características do *locus amoenus* — e avistou numa gruta a deusa Diana, que, acompanhada por ninfas desnudadas como ela, tomava banho nas águas cristalinas. Com gritos de surpresa, as ninfas rodearam a deusa, ocultando-a com os seus corpos. Diana, com o rosto tingido de rubor, salpicou com água o rosto e os

cabelos de Actéon e disse-lhe que poderia contar, se fosse capaz, que a vira despojada de roupa. Logo Actéon se transformou em veado e, tendo perdido a voz, embora mantivesse a consciência de si mesmo, após ter visto nas águas o seu rosto cervino e as suas hastes, encetou uma fuga veloz, mas foi alcançado pelos seus cães que, sem o reconhecerem, o despedaçaram e devoraram. Ovídio sublinha que a metamorfose fatal não foi causada por um crime ou por uma culpa de Actéon, mas sim por um erro ou por um delito da Fortuna (nos *Tristia*, II, 105-106, Ovídio reitera este entendimento, explicando de igual modo a *relegatio* imperial que sobre ele recaíra).

Boccaccio narrou o mito na sua *Genealogia dos Deuses Pagãos* (l. V, cap. xiv), concluindo a sua narrativa com uma interpretação alegórica proposta pelo mitógrafo Fulgêncio (século v), que haveria posteriormente de ter grande fortuna: a matilha — o catálogo ovidiano das *Metamorfoses* enumera trinta e oito cães — devorara o património de Actéon e, por isso, se podia dizer que este fora comido pelos seus animais de caça (noutras versões, os cães são substituídos pela multidão de servidores e privados que arruinam a fazenda dos senhores apaixonados pelas aventuras cinegéticas).

A narrativa ovidiana da metamorfose de Actéon está presente como subtexto na *Commedia* de Dante (*Inferno*, XIII, 124-129) e avulta

para algo em incompreensível falta: uma edição crítica *escrupulosa* das *Rimas* (CARVALHO 1948, p. 224; ²1973 [1968], p. 33, e 1980, p. 103).

Um dos mais complexos e duradouros problemas do texto camoniano é, como se sabe, o relativo à determinação do cânone lírico (SILVA 1994, pp. 37-55, 57-71, 73-100 e 101-129; 2009, *passim*, mas em especial cap. v). Nele se concentra, justamente, o primeiro *passeio* de Herculano Carvalho nesse *bosque* textual — «Sobre o texto da lírica camoniana», estudo constituído por três secções autónomas mas complementares, uma delas publicada em 1948 (I — Uma edição das *Rimas* de Camões), o conjunto das duas outras em 1949 (II — Breves apontamentos camonianos e III — O pleito Diogo Bernardes-Camões). Inaugura esta sua contribuição, no dizer de Vítor Aguiar e Silva (1994, p. 40), um dos momentos — o terceiro — da depuração do cânone lírico camoniano, e fá-lo a partir de um olhar renovado sobre a tradição manuscrita e as práticas editoriais associadas à transmissão das *Rimas*. Assim acontece, por exemplo, com o seu distanciamento moderado em face da inflexibilidade do Prof. Costa Pimpão, quando confrontado com a «apanha» de Faria e Sousa (CARVALHO 1948, pp. 225-227 e 238). Ou com a atenção dispensada a uma série de fontes manuscritas quinhentistas — não convocadas em fases anteriores do processo, mesmo após a notícia da sua existência —, nas quais descobriu o fundamento para aclarar certas atribuições, convalidando-as ou infirmando-as (CARVALHO 1949, pp. 53-67). Ou ainda com o empenho em corroborar a responsabilidade direta e plena de Diogo Bernardes na edição das suas *Rimas Várias* — *Flores do Lima* e em sopesar as incidências desse facto no chamado *pleito Bernardes-Camões*.

Em 1968 e em 1980, retornam as inquietações de Herculano de Carvalho com o texto camoniano, mais especificamente com o *estado* de algumas lições dele. No primeiro caso, o contexto é o de um breve mas substantivo excuro sobre o lugar da *crítica filológica* na *compreensão poética* (CARVALHO 1973, pp. 9-11), logo exemplificado com duas nótuas sobre Bernardim Ribeiro (CARVALHO, pp. 11-17) e outras duas sobre Camões, estas últimas a respeito do soneto *O céu, a terra, o vento sossegado* e da Canção X (CARVALHO, pp. 17-21 e 22-33, respetivamente).

No segundo caso, o objeto examinado é a *Écloga* VI. Em ambas as situações, a filologia material conserva a sua presença metodológica — é bem seu o propósito de esbater ou anular, segundo critérios próprios à crítica textual, os ruídos que o tempo e os homens trouxeram ao texto camoniano, mediante o estabelecimento da melhor *lição* —, fazendo-se acompanhar por um investimento hermenêutico vigoroso e frutífero, que não constringe as escolhas do filólogo enquanto *leitor-crítico*, antes com elas dialoga e para elas demanda argumentos sólidos. O enfrentamento de cada um dos textos referenciados arranca com o diagnóstico das *dificuldades textuais* — um aparentemente inócuo sinal de pontuação, um artigo definido ou uma conjunção copulativa, ou ainda segmentos textuais de ampla respiração, envolvendo um ou mais versos —, tal como evidenciadas pela respetiva tradição manuscrita e impressa; socorre-se da análise e correlação dos argumentos em presença, no intuito de avançar uma *lição* criticamente ajustada; cruza, em momentos e porções engenhosamente calculados, os dados da filologia material com os da hermenêutica literária, oferecendo-nos a evidência de quanto uma aproveita à outra. A aguda inteligência, o rigor conceptual e a límpida formulação deste seu exercício deixam-nos adivinhar quanto viríamos a conhecer do estudioso do *fenómeno linguístico* e das *línguas* que foi Herculano de Carvalho: o convívio intenso e pregnante com a filosofia da linguagem; a apropriação e a utilização escrupulosas dos conceitos operatórios e dos dispositivos heurísticos próprios às ciências da linguagem; o profundo conhecimento das categorias e das estruturas específicas à língua portuguesa, consideradas estas tanto nas suas coordenadas espaciotemporais, como nas suas relações de família com as línguas românicas; a apurada sensibilidade estético-literária, forjada no diálogo com o sistema literário português e com os sistemas literários seus vizinhos (o espanhol, o italiano e o francês, em particular), e reforçada pelo domínio de metodologias e de instrumentos convenientes à história e à hermenêutica literárias.

Se fosse necessário, uma outra passagem sua por território camoniano — «O *locus amœnus* e o *locus horridus* em Camões» —, em 1987, responderia pela invulgar extensão das suas faculdades de *leitor-crítico*, muito particularmente no que

respeita ao último dos aspetos recenseados no parágrafo anterior. Nela apresenta o autor as determinantes retórico-estilísticas dos *topos*. Procede depois à investigação da sua incidência no texto camoniano — *Écloga* VII e episódio da Ilha dos Amores —, detendo-se nos signos textuais dele, sob a forma de componentes efetivos, ou sob a de elementos ausentes, porque inconvenientes ao *locus* (reforçando-o, assim, *per negationem*). Acolhe o paralelismo entre ambos os textos, já vislumbrado por Faria e Sousa, mas para lhes acentuar as dissemelhanças, e daquele se afastar quanto à correlação *Parnaso/Ilha dos Amores*. Atravessa outros *lugares* camonianos onde o *topos* assoma com maior ou menor desenvoltura, e sequer descarta variantes estilístico-expressivas dele, que identifica como *locus amœnus* às avessas e *locus horridus*. Um trajeto, pois, simultaneamente atento a um problema histórico-literário, esboçado por Faria e Sousa, e sensível às formas intencionais de expressividade que assistem o poeta na configuração dos seus estados anímicos e dos seus correlatos naturais.

Por último, outro estudo de 1980 — «Contribuição de *Os Lusíadas* para a renovação da língua portuguesa» —, onde avulta a condição de historiador da língua portuguesa que Herculano de Carvalho também foi. Exemplar em vários níveis — um deles, o de serem mais do que raras as abordagens à história da língua literária em Portugal —, esta *contribuição* expõe a energia renovadora de *Os Lusíadas* tanto no plano das estruturas métrico-rítmicas (CARVALHO 1984, pp. 79-90), como nos planos do léxico e da sintaxe (CARVALHO 1984, pp. 91-112 e 112-22, respetivamente). Não o faz, todavia, com base no mero inventário — por si só relevante, bem entendido — dos esquemas métrico-rítmicos, dos lexemas (latinismos de distinta relevância e índole, abundância e variedade da classe dos adjetivos) e das construções sintáticas tidos por *novos*. Fá-lo também, e sobretudo, a partir da análise e interpretação cotextual e contextual dessas formas. Quer isto dizer que a filologia e a hermenêutica prolongam aqui os termos da sua cumplicidade e complementaridade, não subtraindo à atenção do estudioso os atributos expressivos que o poeta confere a esses achados (CARVALHO 1984, pp. 101-112, sobre a adjetivação, suas modalidades de ocorrências e efeitos expressivos).

BIBL.: CARVALHO, José Gonçalo Herculano de, «Sobre o texto da lírica camoniana», *Revista da Faculdade de Letras*, XIV e XV, 2.ª série, pp. 224-38 e 53-91, 1948 e 1949; id., «Crítica Filológica e compreensão poética» [secção correspondente a 'Um soneto e uma canção de Camões'], *Festschrift Litteræ Hispaniæ et Lusitanæ zum fünfzigjährigen Bestehen des Ibero-Amerikanischen Forschungsinstituts der Universität Hamburg*, München, Max Hueber Verlag, 1968, pp. 85-107 (com a 2.ª edição revista e autónoma, por nós utilizada, em *Crítica Filológica e Compreensão Poética*, Rio de Janeiro, MEC — Departamento de Assuntos Culturais, 1973); id., «Contribuição de *Os Lusíadas* para a renovação da língua portuguesa», *Revista Portuguesa de Filologia*, XVII, 1980, pp. 1-38 (recolhido em *Estudos Linguísticos*, 3.º vol., Coimbra, Coimbra Editora, 1984, pp. 125-45, versão utilizada); id., «Lendo a *Écloga* VI de Camões», *IV Reunião Internacional de Camonistas. Actas*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1984, pp. 103-114; id., «O *locus amœnus* e o *locus horridus* em Camões», *V Reunião Internacional de Camonistas. Actas*, São Paulo, Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1987, pp. 257-272; MAIA, Clarinda de Azevedo, «José Gonçalo Herculano de Carvalho (19.01.1924-26.01.2001). Esboço biográfico e académico», *Revista Portuguesa de Filologia*, «Miscelânea de Estudos in Memoriam José G. Herculano de Carvalho», volume XXV, tomo 1, 2003-2006, pp. 1-11; PICCHIO, Luciana Stegagno, *A Lição do Texto. Filologia e Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1979; SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, Cotovia, 1994; id., *Jorge de Sena e Camões. Trinta Anos de Amor e Melancolia*, Coimbra, Angelus Novus, 2009; UITTI, Karl D., «Philology», *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory and Criticism*, Michael Groden & Martin Kreiswirth (ed.), Baltimore-London, The Johns Hopkins University Press, 1994, pp. 567-573.

Paulo Meneses

CASTIGLIONE, Baldassare (Casatico, Mântua, 1478-Toledo, 1529). A relação entre Camões e Baldassare Castiglione reentra no quadro do neoplatonismo e do petrarquismo camonianos, sendo indissociável do âmbito específico da recepção da obra do escritor italiano, no Portugal do século XVI.

Homem de armas e diplomata que viveu nas mais brilhantes cortes da Europa de Quinhentos, Castiglione foi autor de poesia em latim e em italiano, além de profícuo epistológrafo, mas o seu nome ficou célebre, em particular, por *Il Libro del Cortegiano*, título original do tratado escrito em forma de diálogo e dividido em quatro livros, que saiu pela primeira vez em 1528 (em duas edições, a primeira dos sucessores de Manuzio, em Veneza; a segunda dos Giunta, em Florença).



Retrato de Baldassare Castiglione

O seu sucesso é ilustrado pela meia centena de edições que dele foram batidas até ao final do século XVI. O primeiro livro apresenta as qualidades físicas e morais do *perfetto cortigiano*, detendo-se sobre a questão da língua; o segundo, considera o seu desempenho, em diversas circunstâncias, com relevo para a arte da conversação e de contar facécias; o terceiro, disserta sobre a *perfetta gentildonna*; e o quarto, que é o menos orgânico, é dedicado às relações do cortesão com o príncipe e à especulação amorosa. A obra retoma os objetivos da pedagogia humanista, para os adaptar à cena de corte, sendo, juntamente com *Il Galateo* de Giovanni della Casa (1.ª ed. 1558) e *La Civil Conversazione* de Stefano Guazzo (1.ª ed. 1574), um dos três grandes livros europeus sobre uma matéria que tem por marco fundador o magistério de Giovanni Pontano. Ao estabelecer o macrocódigo universal da gramática das cortes europeias, na formatação histórica estabelecida pela filosofia moral pelo menos até à Revolução Francesa, erige-se, pois, em *institutio*.

A ligação do livro ao Portugal do século XVI costuma ser associada à sua dedicatória, *Al reverendo ed illustre Signor Don Michel de Silva Vescovo di Viseo*. A partir de 1513, a atividade

diplomática de Castiglione levou-o a fazer longas permanências em Roma, até 1524, quando foi nomeado Núncio Pontifício de Clemente VII na corte de Carlos V e partiu para Espanha. Na cidade papal, manteve relações muito próximas com D. Miguel da Silva. Os dois diplomatas moviam-se nos mesmos círculos e participavam nas mesmas reuniões de intelectuais, que eram também frequentadas por Lodovico da Canossa ou Pietro Bembo, personagens de *Il Cortegiano*. Além disso, durante a estadia de Castiglione em Espanha, vários teriam sido os encontros com figuras de destaque da cultura portuguesa, num período em que os contactos entre os dois reinos eram particularmente intensos, com o casamento entre o imperador Carlos V e a infanta D. Isabel, irmã de D. João III. Aliás, no tempo de Camões, *Il Cortigiano* também podia ser lido na tradução de Juan Boscán, a primeira em toda a Europa, que saiu em 1534 e teve reedições.

Todavia, note-se que a dedicatória a D. Miguel da Silva é tardia e tem a ver com a questão das várias dedicatórias de *Il Cortegiano*. Os manuscritos mostram que a obra já originariamente era oferecida a Alfonso Ariosto, um nobre amigo de Castiglione, numa dedicatória onde ficava contida uma outra, ao *Re Cristianissimo*, ou seja, François I d'Angoulême, com um apelo à cruzada. Entretanto, se a morte do amigo tornou a dedicatória problemática, a menção ao rei de França passou a ser um assunto delicado, face à aproximação entre Império e Papado entretanto ocorrida. Castiglione optou por retirar a referência ao *Re Cristianissimo* e à cruzada, mantendo, porém, a dedicatória a Alfonso Ariosto no início de cada um dos quatro livros do tratado, e enviou indicações, quando já se encontrava em Espanha, para que fosse acrescentada uma outra dedicatória, a D. Miguel da Silva, no início do tratado. Têm vindo a ser apresentadas várias explicações possíveis para esta reformulação, entre conveniências diplomáticas, a evolução de um quadro histórico em cujo âmbito o ideal de cruzada perdera impacto ou a superação do estilo encomiástico.

Note-se que, na literatura portuguesa do século XVI, o tratado de costumes não tem particular sucesso, o que não quer dizer que os modelos de comportamento não sejam matéria de reflexão, em textos de diversas tipologias. Os hábitos conservadores da corte portuguesa, a

homogeneidade social dos seus membros e a centralidade do monarca não faziam da especulação em torno do assunto uma matéria de primordial relevo. Diferentemente, em Itália, a deslocação das atenções, do monarca, para a corte e o cortejo, originou a necessidade de identificação antropológica, em torno de um comportamento comum, dos membros de um corpo, cuja proveniência era diversificada.

Camões não mencionou diretamente o nome de Castiglione. Contudo, alguns dos seus versos remetem para passos do autor italiano, havendo a considerar, porém, o vasto pano de fundo relacionado com leituras e a cultura de uma época.

O sistema de valores que sustém os ideais cívicos, morais e intelectuais de dignificação do homem correspondem-se em ambos os autores. São semelhantes os termos em que é considerado o equilíbrio entre exercitação do corpo e cultivo da mente, armas e letras, nobreza de sangue e nobreza de espírito, natureza e educação. O confronto entre os dois autores ganha incidência em *Os Lusíadas*, no que diz respeito ao conceito de heroísmo e ao perfil do herói, em particular no caso de Vasco da Gama. Há a considerar, porém, uma série de leituras comuns, que vão de Cícero a Plutarco, Séneca, Aristóteles, Plínio, Platão, Ovídio, etc., passando pelos humanistas. Contudo, o espaço que corre entre o lírico português e o tratadista italiano é bem ilustrado pelo tratamento a que é sujeito o tema do esquecimento, no início do segundo livro de *Il Cortegiano* e na elegia *O Poeta Simónides, falando*, em correlação com questões de ordem genológica e periodológica que também envolvem o maneirismo camoniano. Castiglione perspetiva o esquecimento em função de uma apologia do presente e da mudança, de modo a superar melancólicas evocações do passado. Camões, pelo contrário, vê nele alívio para um presente de mágoas.

Quanto aos códigos de costumes, o seu teatro e as suas cartas revelam-nos um fino e atento observador de comportamentos sociais. Mas é também o próprio Camões a representar o modelo interdiscursivo de Castiglione, enquanto cultor de poesia petrarquista e mestre em jogos de agudezas.

O soneto *Conversação doméstica afeiçoa* tem por fulcro uma situação essencial do modelo de comportamento cortesanesco, que é o estabe-

lecimento de relações interpessoais através do colóquio íntimo. No quarto livro de *Il Cortegiano*, a personagem Pietro Bembo observa que, quando o amor é racional, a mulher se pode deter em *ragionamenti domestici e secreti* (ou seja, *conversações domésticas e secretas*) com o amante, sendo lícito que lhe demonstre a sua dedicação de outros modos, numa progressão que culmina com a união das suas almas através do beijo. Também Camões considera esse convívio, nos seus termos gerais, moralmente salutar e afetivamente delectável. No entanto, a partir do momento em que tem em linha de conta a *verdade* da sua *viva experiência*, essa visão de harmonia desfaz-se, em virtude das mentiras e deslealdades que o atormentam. Partilha com Castiglione, pois, uma visão global gratificante, que de seguida derroga em função de vivências pessoais, cuja verdade é literariamente enfatizada.

Um dos domínios da conversação que mais diretamente põe à prova as qualidades do cortesão, é a arte de contar facécias e de proferir ditos de espírito, que devem ter um fundo moral, sem inspirarem compaixão pelos visados, nem suscitarem a sua condenação capital, e no respeito pelos interlocutores presentes. Ora, a renovação da poesia peninsular, conforme é levada a cabo por Camões, processa-se através da introdução de uma série de mediações, com recurso a novos códigos, de entre os quais se contam os modelos de uma cortesia refinada. A graça, a espontaneidade e a desenvoltura com que retoma histórias de um repertório conhecido, adaptando-as às circunstâncias em causa, ou com que cria novos entretos, não podem ser cabalmente compreendidas à margem dessa arte da intercomunicação cortesanesca. Aliás, algumas dessas situações jocosas inserem-se numa plataforma comum, de incidência europeia, à qual também *Il Cortegiano* se encontra ligado. O simbolismo dos três paus, para aludir ao enforcamento, é explorado quer em *Il Cortegiano*, na breve alusão metafórica ao cenário da tragédia representada por um indivíduo pouco recomendável, quer no improvisado dirigido «A ùas Senhoras que, jogando perto de ùa janela, lhes cairam três paus e deram na cabeça de Camões». Decorre também de uma mesma matriz inventiva o jogo de palavras em torno da decomposição do nome de um tecido, para troçar do caráter de quem o usa ou lhe está ligado, o

damasco, que em *Il Cortegiano* é desdobrado em *dama e asco*, ou o *cetim*, que Camões desdobra em *si e tim*, numa alusão ao comportamento duvidoso de certa mulher. O terreno comum destas agudezas põe a descoberto a fineza com que dele soube tirar partido, seguindo os trilhos da poesia peninsular. Da mesma forma, as contrariedades e as sombras que assolam o seu universo maneirista, sem serem iludidas, são apresentadas como jocosos episódios da cena de corte.

Apesar de *Il Cortegiano* não ser um livro de especulação acerca de amor, o tema merece reflexão, a propósito do comportamento da *perfetta gentildonna* e do *perfetto cortegiano*. As situações de relacionamento amoroso apresentadas são muito várias, daí resultando um modelo bastante flexível, consoante as circunstâncias, que se articula em torno de um princípio neoplatónico de equilíbrio e tem na sua base a própria definição de amor como desejo de beleza, na senda de Platão. Em Camões, só em momentos pontuais o amor é associado a uma vivência de harmonia. Eventuais conexões, a esse propósito, poderão decorrer de fontes comuns ou da intensa circulação de temas e conceitos. A dialética entre razão e apetite, que é objeto de debate, e que Camões trata na canção *Manda-me Amor que cante docemente*, é igualmente explorada por tantos outros tratadistas da época, como, por exemplo, Leão Hebreu. Por sua vez, a conceção de amor como modo de ascensão até ao divino, através da beleza de um corpo, posta na boca de Pietro Bembo, segue de perto Marsilio Ficino, podendo ser confrontada com a Ode VI, *Pode um desejo imenso*. A descrença, manifestada por Bembo enquanto personagem de *Il Cortegiano*, de que por essa via seja possível alcançar a união total com o divino, em virtude da inevitável ligação do amante ao material, revê-se naquela tonalidade disfórica com que termina a referida ode, e que, na obra de Camões, surge engrandecida.

BIBL.: BURCKE, Peter, *The Fortunes of the Courtier: the European Reception of Castiglione's «Cortegiano»*, London, Polity, 1995; DESWARTE, Sylvie, *Il «perfetto cortegiano» D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989; QUONDAM, Amedeo, *«Questo povero Cortegiano»*, *Castiglione, il Libro, la Storia*, Roma, Bulzoni, 2000; SILVA, Vitor Manuel Aguir e, «Amor e mundividência na lírica camonianana», *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, Cotovia, 1994, pp. 163-177.

Rita Mamoto

CASTRO, Estevão Rodrigues de (Lisboa, 1559-Florença, 1638). Filho de Francisco Rodrigues de Castro e D. Isabel Álvares, Estevão Rodrigues de Castro foi, em Itália, célebre médico e filósofo. Seu percurso italiano é fartamente documentado, notadamente devido ao impacto que provocou no meio científico, ao passo que sua vida em Lisboa carece de documentação que esclareça os pontos obscuros de sua trajetória. Licenciado em Artes, em 1584, e em Medicina, em 1588, na Universidade de Coimbra, onde foi discípulo do Dr. Tomás Rodrigues da Veiga, deve ter exercido clínica médica em Lisboa durante 18 ou 19 anos, segundo Giacinto Manuppella, autor do mais completo estudo sobre Rodrigues de Castro. Casou-se com Genoveva Figueira, de quem teve três filhos e uma filha, sendo o mais velho, Francisco, o editor de sua obra poética, o único a sobreviver aos pais. De família de tradições judaicas, como indica seu apelido Castro, saiu de Portugal, aos 49 anos, com a mulher e os filhos, por motivos não esclarecidos. Terá peregrinado por Espanha e França, buscando uma colocação, antes de se ter fixado em Florença, entre 1610 e 1611, onde conquistou a proteção de Cosme II de Médici, grão-duque da Toscana, que o nomeou professor de Medicina Teórica da Universidade de Pisa, onde teve brilhante carreira, chegando ao mais alto grau universitário, o de Lente supraordinário. A tradição registra que sua saída de Lisboa teria se motivado por questões religiosas, como ocorreu a outros médicos cristãos-novos, como Amato Lusitano e Garcia de Orta. Francisco Manuel de Melo observa, na *Visita das Fontes*, ter sido Rodrigues de Castro «pessoa de melhor musa que fê» — opinião reiterada no *Hospital das Letras* —, insinuando, pois, que continuava a seguir a religião judaica, sendo esse, portanto, o motivo de sua «fuga» de Portugal. A tese da perseguição religiosa só veio a ser contestada por Giacinto Manuppella, em 1967, que, contra a «lenda judaica», sustenta ter o cristão-novo Estevão Rodrigues de Castro se convertido ao catolicismo provocando o «profundo desagrado» e «ódios e perseguições» de sua família e de seu meio, o que veio a tornar insustentável a sua permanência em Portugal. Segundo Manuppella, Rodrigues de Castro passara a ser visto como um «desertor», que «passara do campo dos oprimidos para o dos opressores». É digno de nota, entretan-

to, que sua saída de Portugal ocorreu justamente no período entre a restrição, em 1606, e a revogação, em 1610, de um deferimento de Filipe III datado de 1600 que autorizava aos cristãos-novos a saírem de Portugal e a disporem livremente de seus bens, o que pode se relacionar às motivações do médico lisboeta. Também António Hernandez Morejón, na *Historia Bibliográfica da Medicina Española* (Madrid, 1843), não dá crédito ao judaísmo de Rodrigues de Castro, ao contrário da historiografia anglo-saxônica que unanimemente o inclui no rol dos médicos judeus, como a seu mestre, o Dr. Tomás Rodrigues da Veiga, também ele cristão-novo. Hernandez Morejón aporta ainda a significativa informação, não citada por Manuppella, de que o clínico português se teria doutorado na Universidade de Pisa, o que franqueia a rápida e sólida ascensão universitária de Rodrigues de Castro em Itália, que não seria possível a um licenciado.

A história da brilhante carreira de Estevão Rodrigues de Castro em Florença começa a partir de seus dotes de clínico, com a cura de um ilustre senador e de um sacerdote, o que o levou a atuar como médico pessoal de Cosme II de Médici, cujas moléstias hereditárias e crônicas foram tratadas com extremo sucesso. Como recompensa, o grão-duque o nomeou arquitro da Corte e professor da Universidade de Pisa. A proteção de Cosme II e de seu filho Ferdinando II foi determinante na trajetória universitária e social do médico português, que enfrentou uma cerrada e difamante perseguição de seus pares universitários, à qual fez frente com espírito combativo. A par de sua atuação universitária e clínica, Estevão Rodrigues de Castro notabilizou-se como tratadista científico, cuja obra teve grande repercussão na ciência médica de seu tempo. Sua vasta e erudita obra científica perfaz mais de trinta livros e opúsculos, versando sobre medicina e filosofia, publicados em Pisa, Florença, Veneza, Lião, Nuremberga e Oldemburgo, e abarcando variados temas, desde tratados de patologia geral, clínica médica e medicina da mulher a obras inovadoras de caráter filosófico-científico. Entre eles destacam-se o renovador *Meteoris Microcosmi*, de cunho paracelsista — elogiado pelo grande médico inglês renascentista William Harvey —, os comentários e revisões de Galeno e Hipócrates, o polêmico *De sero lactis*, e ainda *Progno-*

seos Mysteria, considerado por Zacuto Lusitano como «livro d'ouro». Estas obras deram-lhe renome internacional e também suscitaram aguerridos debates registrados em uma série de opúsculos de ataque e defesa a suas teorias, além de referências elogiosas, sustentadas por sábios de várias nacionalidades. Uma ode italiana anônima de 1616 qualifica-o como «Galeno lusitano» e «novo Esculápio». Escreveu ainda diálogos em latim e italiano, e um tratado sobre a amizade.

Estevão Rodrigues de Castro destacou-se, ainda, como poeta, compondo com igual maestria em quatro línguas, o português, o castelhano, o italiano e o latim. Teve suas *Rimas* publicadas pelo filho, Francisco de Castro, em Florença, em 1623, e sua poesia foi colecionada em manuscritos portugueses, como o de Fernandes Tomás. Segundo Barbosa Machado, na *Bibliographia Lusitana*, os poemas publicados na *Relaçam do Solenne recebimento das Santas Relíquias*, em Lisboa, 1588, atribuídos a António de Ataíde, dois dísticos latinos e um soneto em português, seriam de Rodrigues de Castro. Escreveu ainda jovem, entre 1588 e 1595, uma epopéia latina de estrutura clássica, *De simulato rege sebastiano*, publicada em Florença, em 1638, um ano após a sua morte, por iniciativa de seu filho Francisco. O manuscrito original do poema foi oferecido ao cardeal-arquiduque Alberto de Áustria, vice-rei de Portugal durante os primeiros anos do domínio castelhano, dedicatário e personagem da obra. Este extenso poema tem como tema o segundo falso rei D. Sebastião, o eremita Mateus Álvares, conhecido como o santo ermitão da Ericeira, e a campanha militar movida por Diogo da Fonseca, a mando do cardeal Alberto, que culmina com o massacre do presumido rei e de seus partidários. Publicou ainda uma série de poemas em latim (odes, epigramas, elegias e epítáfios), modelados em Cícero, Horácio e Ovídio, e em que se vê ainda a influência da antiga poesia grega de Alceu e Arquíloco. Dentre esses se destacam os incluídos em *Philomelia* (Florença, 1628), em *Meteoris Microcosmi* (Florença, 1623), os reunidos em *Posthuma varietas* (Florença, 1639) e ainda a elegia autobiográfica *In discessu ex pátria urbe ulyssipone* publicada na terceira parte do tratado *De alimento* (Florença, 1637).

Os poemas latinos foram escritos, ao que tudo indica, no período em que viveu na Itália.